

CINEMATECA PORTUGUESA–MUSEU DO CINEMA
TRÊS VEZES JOAN BENNETT
6 e 24 de junho de 2023

THE WOMAN ON THE BEACH / 1946

(*A Mulher Desejada*)

um filme de Jean Renoir

Realização: Jean Renoir/ **Argumento:** Jean Renoir, Frank Davis, J.R. Michael Hogan, segundo o romance "None So Blind" de Mitchel Wilson / **Fotografia:** Harry Wild, Leo Tover / **Direcção Artística:** Albert S. D'Agostino, Walter E. Keller / **Música:** Hans Eisler / **Montagem:** Roland Gross, Lyle Boyer / **Intérpretes:** Joan Bennett (Peggy Butler), Charles Bickford (Tod Butler), Robert Ryan (Tenente Scott Burnett), Nan Leslie (Eve), Walter Sande (Vermeeke), Irene Ryan (Sr^a. Vermeeke).

Produção: RKO / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa–Museu do Cinema, 35mm, preto e branco, versão original com legendas em português, 70 minutos / **Estreia Mundial:** Nova Iorque, em 7 de Junho de 1947 / **Estreia em Portugal:** Capitólio, em 28 de Setembro de 1948.

A sessão de dia 24 tem lugar na Esplanada e decorre com intervalo de 15 minutos

The Woman on the Beach foi o último filme de Jean Renoir feito em Hollywood, no termo do exílio de meia dúzia de anos a que a guerra o forçou, exílio durante o qual dirigiu cinco filmes, **Swamp Waters**, **This Land Is Mine**, **The Southerner**, **The Diary of a Chambermaid** e o que vamos ver. Desta parte da sua filmografia, Renoir tinha uma predilecção especial por **The Southerner**, mas ao longo do tempo foi dando uma atenção particular em relação a **The Woman on the Beach**, afirmando mais tarde, na sua autobiografia que seria "*uma espécie de filme de vanguarda que estaria no seu devido lugar um quarto de século antes, entre **Nosferatu** e **Caligari***". E acrescentava que a sua "*obscuridade*" não era feita para "*agradar ao público*".

Há nestas afirmações, dois termos-chave: "vanguarda" e "obscuridade", que explicam a reacção do público, que fez deste filme o maior fracasso da carreira americana do realizador. De facto, as cenas oníricas de **The Woman on the Beach**, em particular a longa sequência do pesadelo inicial, trazem mais a marca de cenas semelhantes dos filmes de vanguarda dos anos 20 (a simplicidade e o aspecto *naïf* dos cenários lembram, inclusive, um dos primeiros filmes de Renoir: **La Petit Marchand d'Allumettes**) do que da complexidade simbólica com que o cinema de Hollywood encena os sonhos a partir do pós-guerra (de **Spellbound**, de Hitchcock, a **Lady in the Dark**, de Mitchell Leisen). Mas são estas formas, afinal, que trazem para o filme a sua mais radical novidade e faz dele uma das obras mais singulares do realizador, não só em termos pessoais (visto à distância, encontramos em **The Woman on the Beach** toda uma série de referências pessoais e, em particular, ao dilema e confusão em que o realizador vivia naquele tempo, face a um mundo que mudara e não reconhecia, o que faz da personagem de Charles Bickford, um pintor como o pai de Renoir, um *alter ego*

do realizador), como formais (é, praticamente, um filme de composição abstracta, e deste ponto de vista seria interessante uma análise tendo por motivo a pintura e a relação de Renoir com ela, das marcas da obra do pai, nos filmes franceses, a outras, representando a sua evolução).

The Woman on the Beach teve uma gestão complicada. A entrada de Renoir em cena resulta de um convite da RKO por pressão de Joan Bennett, que queria ser dirigida por ele. O convite vinha a calhar para o realizador porque desejava fazer um filme de série B (outras eram as intenções da RKO que queria um filme para valorizar a actriz e tinha escolhido em primeiro lugar Lewis Allen para o dirigir) e podia contar com um actor que apreciava, Robert Ryan. Facto ainda mais importante: o argumento era do seu agrado, talvez porque (inconscientemente) tinha a ver com alguns dos problemas com que se debatia. Acabado o filme em 1946, fez-se, a 2 de Agosto, uma das habituais *sneak-previews* com reacções muito negativas por parte do público. Com base nisso decidiu-se atrasar a estreia do filme e transformá-lo em profundidade. Renoir teve de refazer mais de um terço do filme, que só se estrearia quase um ano depois, em Junho de 1947. É esta versão a única que subsiste, tendo a anterior desaparecido. Janet Bergstrom, num seu trabalho sobre este filme de Renoir, esclarece algumas questões a partir das investigações feitas nos arquivos da RKO e na colecção Jean Renoir da UCLA e constata que *"a produção passou não por duas mas por três grandes fases (ou três "versões") e que o seu carácter de abstracção onírica não se impôs senão tardiamente no decorrer da longa série de negociações (que se poderiam comparar a "formações de compromisso" no sentido freudiano) de onde saiu a versão difundida- sem dúvida a melhor (o sublinhado é meu) de **The Woman on the Beach**".*

Sublinhei *"a melhor"* para acabar com os mitos de *"obras-primas"* perdidas. Porque se a afirmação de Bergstrom está certa, então a grande qualidade que o filme apresenta deriva exactamente das vicissitudes por que passou, por essa obrigatoriedade de refazer (e recontar?) a história, um processo que o enriqueceu em todos os aspectos. **The Woman on the Beach** resulta não apenas como uma das obras mais singulares na carreira de Renoir (o traço de união entre o autor de **La Chienne** e o de **Scarlett Street**, o de **La Bête Humaine** e o de **Human Desire**, isto é, entre Renoir e Fritz Lang), como um dos filmes mais estranhos e hipnóticos da história do cinema, singularmente construído sobre a função do olhar e da sua ilusão. Como já referi, deste ponto de vista a personagem central do filme não é Burnett (Robert Ryan), nem Peggy Butler (Joan Bennett), mas sim Tod Butler (Charles Bickford), um pintor cego, vivendo a nova condição com dificuldade sempre à sombra da memória do passado, situação com que, possivelmente, Renoir se identificaria, com o seu trabalho em Hollywood, vivendo da memória do passado francês.

Para além da sua abstracção formal, **The Woman on the Beach** assemelha-se a uma espécie de filme de câmara, com os poucos cenários que apresenta e o seu reduzido número de intérpretes, o que reforça o carácter onírico do filme. De facto, se alguma vez se filmou um sonho, talvez tenha sido aqui. É que o filme parece representar, todo ele, um "trabalho de sonho", apenas com uma relação simbólica com a realidade.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico